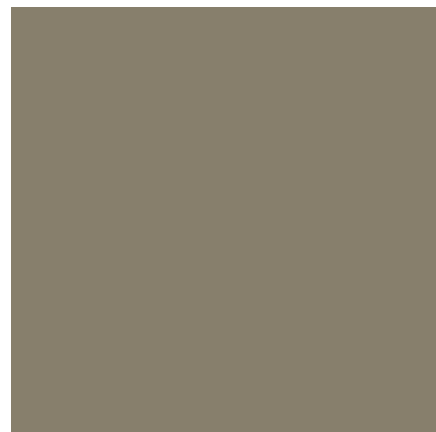




QUIVY, Raymond;
CAPENHOUDT, Luc van. **Manual
de investigação em ciências
sociais**. 2. ed. Lisboa : Gradiva,
1998. 282p.

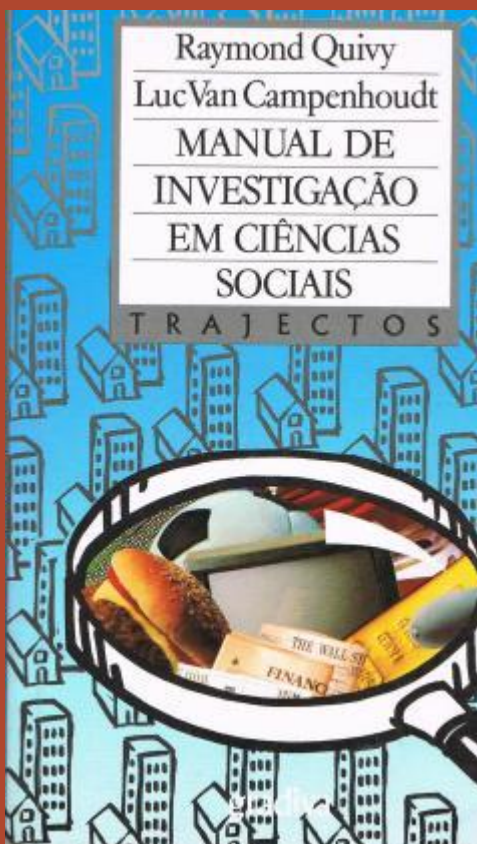
p.69 – 120



DISCIPLINA:
Metodologia Científica Aplicada

PROFESSORA:
Dra. Sonia Afonso

EQUIPE:
Amanda Carvalho, Keila Peixer,
Larice Peters, Luciana Noronha,
Tatiana do Amaral



RAYMOND QUIVY

Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela *Université Catholique de Louvain* (UCL), Bélgica. Professor da *Université de Mons* (Bélgica), onde ensina Metodologia da Investigação em Ciências Sociais.

LUC VAN CAMPENHOUDT

Nasceu em 1947 em *Schaerbeek* (Bruxelas, Bélgica). Sociólogo belga, professor e diretor do Centro de Estudos Sociais da *Facultés Universitaires Saint-Louis* (Bruxelas) e professor da *Université Catholique de Louvain*.

Figura 01



2. As entrevistas exploratórias

ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Visa economizar tempo na leitura, na construção de hipóteses e na observação.

Revelar determinados aspectos do fenômeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras.

Essencial que decorra de forma aberta e flexível, evitando perguntas numerosas e muito precisas.

Como proceder?

- Entrevistas pouco diretivas ou métodos de observação que deixam um grau de liberdade ao observador.
- Abrir o espírito, ouvir e descobrir novas maneiras de colocar o problema.



2. As entrevistas exploratórias

ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Permite ganho de tempo e economia de meios.

Constitui uma das fases mais agradáveis da investigação: “a da descoberta, a das ideias que surgem e dos contatos humanos mais ricos para o investigador”. (p. 70)

Fase interessante e útil, mas também muito perigosa.

O contato com o terreno e a expressão do vivido, pode levar o investigador principiante a acreditar que percebe tudo muito melhor assim, do que com suas leituras.

Com quem é útil ter uma entrevista?

Em que consistem as entrevistas e como realizá-las?

Como explorá-las para que permitam uma verdadeira ruptura com os preconceitos, as pré-noções e as ilusões de transparência?



2. As entrevistas exploratórias

2.1 Com quem é útil ter uma entrevista

COM QUEM É ÚTIL TER UMA ENTREVISTA?

DOCENTES, INVESTIGADORES ESPECIALIZADOS E PERITOS

Expor resultados dos seus trabalhos, procedimentos utilizados, os problemas encontrados e escolhas a evitar.

TESTEMUNHAS PRIVILEGIADAS

Pessoas que pela sua posição ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema.

O PÚBLICO A QUE O ESTUDO DIZ DIRETAMENTE RESPEITO

As entrevistas com os interlocutores da segunda e da terceira categorias são as que oferecem os maiores riscos de desvio devido à ilusão de transparência.

“É indispensável uma boa dose de espírito crítico e um mínimo de técnica para evitar as armadilhas que encerram”. (p. 72)



CARL ROGERS
1902|1987



Figura 02

Os fundamentos metodológicos da entrevista exploratória devem ser procurados principalmente na obra de Carl Rogers sobre psicoterapia.



Primeiro a gravar sessões psicoterapêuticas.

2. As entrevistas exploratórias

2.2 Em que consistem as entrevistas e como realizá-las

Os principais traços da atitude a adotar ao longo de uma entrevista exploratória são os seguintes:



Fazer o mínimo de perguntas possível

Intervir da forma mais aberta possível

O entrevistador deve abster-se de se implicar no conteúdo da entrevista

Procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequados

Gravar as entrevistas



2. As entrevistas exploratórias

2.3 A exploração das entrevistas exploratórias

a) O discurso enquanto fonte de informação

A EXPLORAÇÃO DE ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Enquanto discurso

Enquanto processo

■ Não verifica a hipótese

Mas fornece indícios para reflexão que possibilitará ampliar e tornar mais precisos os limites, além de “[...] tomar consciência das **dimensões e aspectos** de um dado problema [...]” (p. 79)

- A condução da exploração (análise dos dados) das entrevistas exploratórias pode se dar de modo bastante **aberto e flexível**

Condução da Exploração

Ouvir repetidamente as gravações

Anotar as pistas e ideias

Pôr em evidência as contradições e divergências

Revelar aspectos importantes do problema, antes ocultos



2. As entrevistas exploratórias

2.3 A exploração das entrevistas exploratórias

b) O discurso enquanto processo

A EXPLORAÇÃO DE ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Enquanto processo

“A entrevista não directiva visa levar o interlocutor a exprimir a **sua vivência ou a percepção** que tem do **problema** que interessa ao investigador” (p. 80)

Refletir

Reunir
ideias

Ordena-
las

Encontrar
palavras

Exprimi-
las

Pode resultar em uma resposta caótica, desconexa e contraditórias

Elaboração de um pensamento = processo

“O discurso é um momento num **processo de elaboração**, com **tudo** que isso implica de contradições, incoerências e lacunas. O discurso é a **palavra em acto**” (p. 80)

Produção da
palavra

Locutor

Objeto de referência

Terceiro



2. As entrevistas exploratórias

2.3 A exploração das entrevistas exploratórias

b) O discurso enquanto processo

A EXPLORAÇÃO DE ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Discurso enquanto
informação



Discurso enquanto
processo

ANÁLISE DE CONTEÚDO

“Não há nenhum método de **análise de conteúdo** adequado a todos os tipos de investigação. Dependendo do **objeto** de estudo [...] sua exploração **exigirá métodos** igualmente **diferentes**”
(p. 81)

Métodos de Análise de Conteúdo

M. C. d'Unrug
Analyse de contenu
(1974)
L. Bardin
(1997)
A análise de conteúdo

A. Blanchet et al (1985)
L'Entretien dans les sciences sociales

A. Blanchet; R. Ghiglione; J. Massonat; A. Trognon
(1987)
Les techniques d'enquête en sciences sociales



Normalmente a realização de entrevistas exploratórias é acompanhada “por um trabalho de **observação** ou de **análise de documentos**” (p. 83)

Entrevistas + Observações + Consultas

Coexistem no trabalho exploratório

Possuem os mesmos **Princípios Metodológicos**: ampla observação, apreender **ambientes**, identificar as principais **dimensões** do problema, possibilitando escolher os modos de **abordagem** adequados

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE



Investigador participa da vida do grupo

“Um investigador [...] tenta apreender as dinâmicas sociais. [...] A compreensão que faculta não provem dos novos fatos que revela, mas sim das novas relações que estabelece entre os factos e dá a factos conhecidos um significado mais esclarecedor”

(p. 84–85)

3. Métodos exploratórios complementares



terceira etapa

A problemática



1. Dois exemplos de concepção de uma problemática

A problemática é a abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adotar para tratarmos o problema formulado pela pergunta de partida.

Momentos de elaboração de uma problemática

1º

- Explorar leituras e entrevistas;
- Fazer um balanço das diferentes problemáticas possíveis;
- Elucidar os pressupostos;
- Compará-los e refletir suas implicações metodológicas.

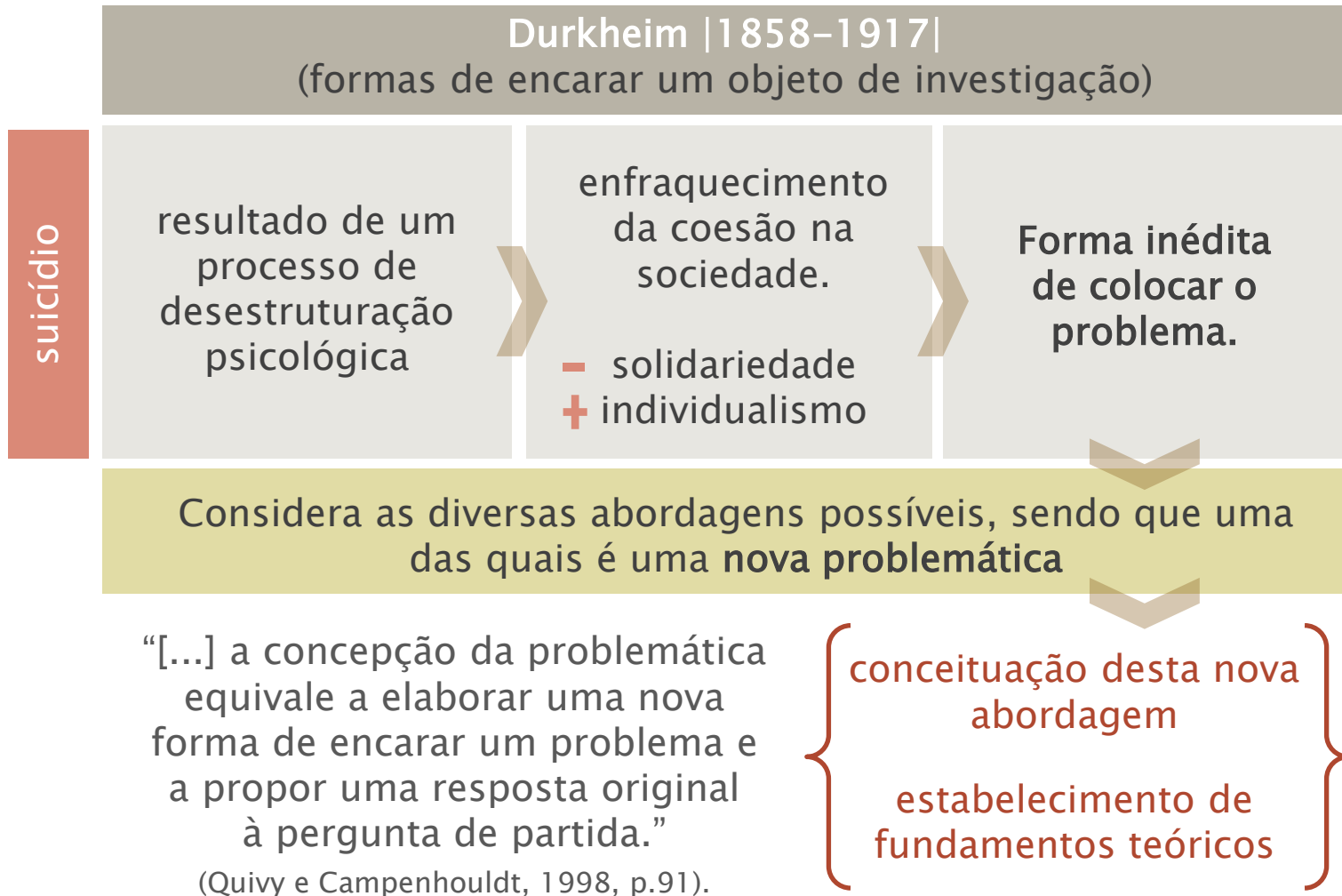
2º

- Construção da própria problemática;
- Formular os principais pontos e referências teóricas da investigação;
- A pergunta que estrutura o trabalho, os conceitos fundamentais e as ideias gerais que inspirarão a análise.



1. Dois exemplos de concepção de uma problemática

O suicídio



+ 1. Dois exemplos de concepção de uma problemática

O ensino

Pergunta de partida

[ainda não bem definida]
 “a causa dos insucessos escolares”

grande parte dos investigadores dedicam-se a analisar os processos de aprendizagem escolar, comparando vários métodos de ensino.

outros pesquisadores interessaram-se pelos conteúdos implícitos do ensino. Todo o conteúdo era insensivelmente comunicado aos alunos.

insucesso em relação com:

- as aptidões das crianças;
- processo de aprendizagem;
- métodos pedagógicos.

por meio das aulas são ensinados:

- o lugar na sociedade;
- o sucesso profissional.

nenhum conhecimento é difundido fora dela?
 Projetos de investigação que abordam esta problemática.

tomada de consciência:
 passaram a estudar a reprodução **ideológica** do ensino

+ 1. Dois exemplos de concepção de uma problemática

A problemática consiste em interrogarmos acerca dos critérios explícitos e implícitos, conscientes e inconscientes, que intervêm no objeto de estudo.

Há uma diversidade de maneiras de colocar uma determinada questão, ou seja as problemáticas possíveis.

“A escolha de uma problemática não depende [...] do acaso ou da simples inspiração pessoal do investigador.

Ele próprio faz parte de uma época, com os seus problemas, os seus acontecimentos marcantes, os seus debates, sensibilidades e correntes de pensamento em evolução.”

(Quivy e Campenhouldt, 1998, p.96).

É de responsabilidade do investigador elucidar tudo o que se relaciona com as possibilidades oferecidas.
Esta é a condição de uma verdadeira criatividade.

+ 2. Os dois momentos de uma problemática:

2.1 O primeiro momento: fazer o balanço e elucidar as problemáticas possíveis

16|24

Disponer de pontos de referência > Tomar decisões > Limites da abordagem

Como buscar as referências??

- Base em aulas teóricas;
- Tipologia dos esquemas de inteligibilidade

Causal: Fenômeno é em função de outro fenômeno.

Suicídio / classe dominante na seleção escolar

Funcional: exige que o fenômeno estudado cumpra funções úteis ao sistema.

Insucesso escolar: seleção e orientação jovens

Estrutural: um sistema está em dependência de outro mais fundamental.

Sistema escolar – sistema econômico

Hermenêutico: o fenômeno é a expressão do sentido que é necessário esclarecer.

Abandono escolar – aspirações dos jovens

Actancial: o fenômeno estudado é resultado dos atores que o compõem.

Insucesso escolar é consequência de projetos e estratégias (direção, aluno, professores)

Dialético: a realidade possui contradições que precisam ser superadas. TEMPORAL

Evolução do ensino / da sociedade

+ 2. Os dois momentos de uma problemática:

17|24

2.1 O primeiro momento: fazer o balanço e elucidar as problemáticas possíveis

- Esquemas representam uma relação entre o fenômeno social e formas de mudá-lo

- Relação dá origem à problemática

- Elementos da problemática (elaboração):

1. O que se pretende explicar;
2. O que será relacionado com ela;
3. E a relação entre 1 e 2.

- Relação = causa:

- Sentido estrito = esquema causal – determinista
- Sentido amplo = busca explicação da produção do fenômeno
- Deixar claro cada conceito

- Abordagens complementares do social :

- a) Fenômeno é elemento de interação;
- b) Fenômeno é produzido pelos homens e contradições de seus sistemas;
- c) Fenômeno é aquilo que pode ser descoberto pela investigação.

- Boa investigação:

- Prioridade ao objeto;
- Recursos teóricos = instrumentos
 - Pontos de referência;



2. Os dois momentos de uma problemática

2.2 O segundo momento: atribuir-se uma problemática

- Problemática = coerência e potencial de descoberta da investigação;
- Estrutura análises = flexível;

■ Conceção:

Orientação teórica;

Relação com objeto de estudo

ESQUEMA DE INTELIGIBILIDADE

“Conceber uma problemática é, (...), descrever o quadro teórico em que se inscreve a metodologia pessoal do investigador, precisar os conceitos fundamentais e as relações que eles têm entre si” (p. 101)

+ 2. Os dois momentos de uma problemática

+ 2.2 O segundo momento: atribuir-se uma problemática

19|24

Quadro conceitual

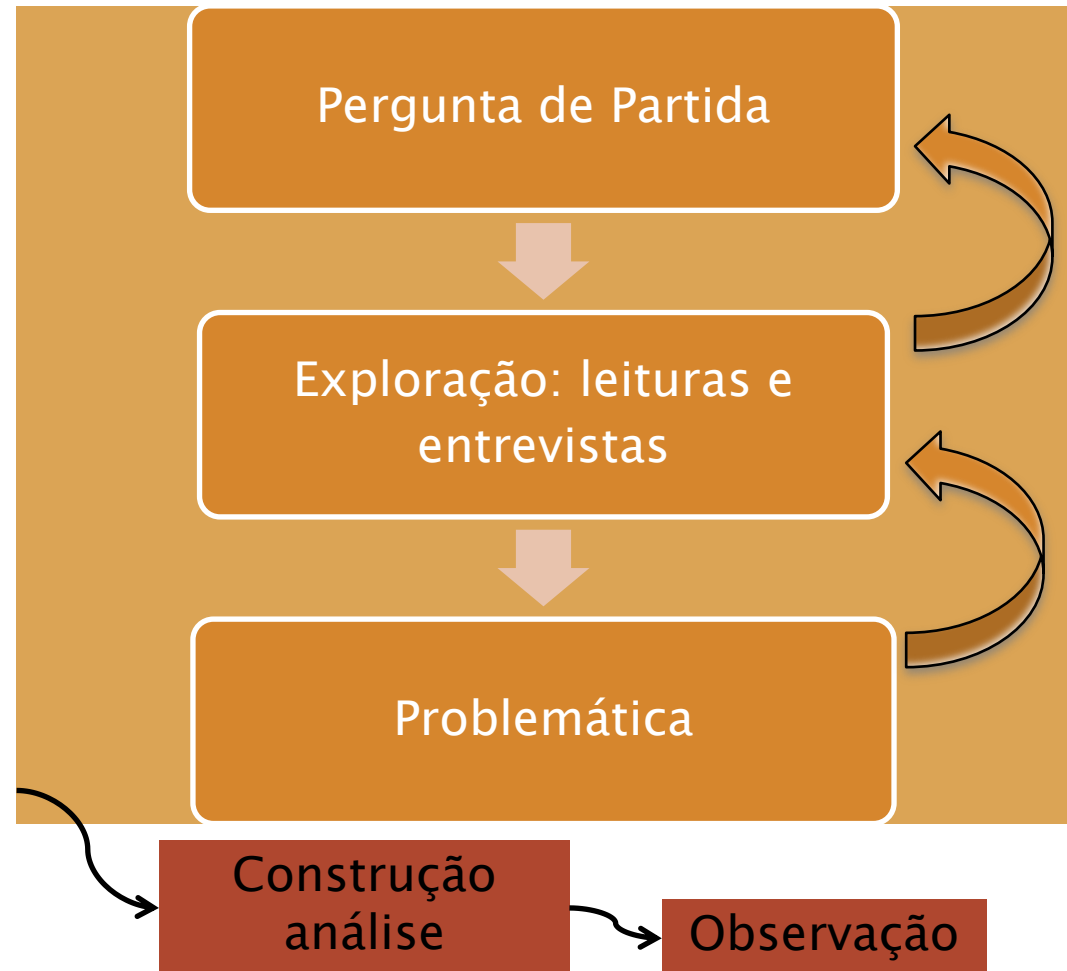
MANEIRA 1

- Conservar o quadro teórico existente;
- Permite explorar melhor a problemática e instrumentos que já deram provas para o objeto de estudo;
- É possível adaptá-lo.

MANEIRA 2

- Investigadores experientes:
- Utilizar várias abordagens teóricas;
- Reformular a pergunta

REFORMULAR A PERGUNTA



OBJETIVO

PROBLEMÁTICA FIXADA PELO INVESTIGADOR

ESCLARECIMENTO SOBRE UM CAMPO DE TRABALHO RESTRITO E PRECISO

+

quarta etapa

**A construção do modelo
de análise**



1. Os 2 EXEMPLOS de construção do modelo de análise

SUICÍDIO

FENÔMENO SOCIAL

TAXAS DEFINIDAS DE FORMA PRECISA

MORTE QUE RESULTE DIRETA OU INDIRETAMENTE DE UM ATO POSITIVO OU NEGATIVO REALIZADO PELA PRÓPRIA VÍTIMA

MARGINALIDADE E DELINQUÊNCIA

SOCIOLOGIA

RELAÇÃO SOCIAL ATOR SOCIAL

DELINQUÊNCIA É EFEITO DA EXCLUSÃO SOCIAL E PROCESSO DE RESPOSTA A ESSA EXCLUSÃO. DELINQUENTE PASSA A SER ATOR SOCIAL

CONCEITUAÇÃO

EVITA CONFUSÕES

INCLUIR O QUE NÃO DEVE SER INCLUÍDO



TAXAS

Nº DE CASOS
TEMPO
SOCIEDADE
1 MILHÃO | 100.000 hab

DIMENSÃO SOCIAL DO SUICÍDIO

NÃO É EXPLICADA PELAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO INDIVÍDUO, NEM PELA SOCIEDADE GLOBAL, MAS SIM ATRAVÉS DA COMPREENÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS.

PERMITE REUNIR E COMPARAR DADOS ESTATÍSTICOS

ÉMILEDURKHEIM
1858|1917

Figura 03



1. Os 2 EXEMPLOS de construção do modelo de análise

TESTADAS E ANALISADAS

SUICÍDIO

MARGINALIDADE E DELINQUÊNCIA

OS CONCEITOS NÃO DIZEM NADA SOBRE COMO ESTUDAR OS FENÔMENOS

HIPÓTESES

RESPOSTAS PROVISÓRIAS DURANTE O TRABALHO DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

DEVEM SER TESTADAS, CORRIGIDAS E APROFUNDADAS



ÉMILEDURKHEIM

1858|1917

DIMENSÕES

COESÃO RELIGIOSA

RELAÇÃO/ATOR SOCIAL

COESÃO FAMILIAR

REESTRUTURAÇÃO SOCIAL

MEDIDAS COM AUXILIO DOS INDICADORES

SUICÍDIO EGOÍSTA
FRACA COESÃO SOCIAL

ATOR SOCIAL
RELAÇÃO SOCIAL FORTEMENTE DECOMPOSTA

SUICÍDIO ALTRUÍTA
COESÃO SOCIAL MUITO FORTE

SUICÍDIO ANÔMICO
ANOMIA

SE REESTRUTURA COMO
ATOR SOCIAL
PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Figura 03



UM TRABALHO NÃO PODE SER CONSIDERADO UMA VERDADEIRA INVESTIGAÇÃO SE NÃO SE ESTRUTURA EM TORNO DE UMA OU VÁRIAS HIPÓTESES.



2. Porquê as HIPÓTESES

23|24

É um movimento entre as reflexões teóricas e um trabalho empírico

Espírito de descoberta que caracteriza qualquer trabalho científico

As hipóteses são confrontadas por estes dados

O modelo de análise assim pode ser testado

Fornece critérios para seleção de dados pertinentes sobre um determinado assunto

Dão amplitude e asseguram a coerência do trabalho



REFERÊNCIA

QUIVY, Raymond; COMPENHOUDT, Luc van. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2. ed. Lisboa : Gradiva, 1998. 282p.

FIGURAS

Figura 01: disponível em <http://mgloriamaranhao.blogspot.com.br/2011/05/as-fronteiras-da-animacao-sociocultural.html>. Acesso em 07 nov. 2012.

Figura 02: disponível em <http://www.carlrogers.org.br/>. Acesso em 07 nov. 2012.

Figura 03: disponível em <http://contextoshistoricos.blogspot.com.br/2012/04/saiba-mais-sobre-emile-durkheim.html>. Acesso em 07 nov. 2012.